

OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

Editores da Coluna Opinião 12-07-2023

Leila Grienz

(In Memoriam)

Leila era psicóloga social, mas sua paixão pelo rádio, onde trabalhou desde os 15 anos, até deixar de escrever na Coluna Opinião, nunca se deixou penetrar profissionalmente nos labirintos da mente. Ela passou sua vida peregrinando pelas rádios do interior do Brasil, desde Indaial/Santa Catarina, onde nasceu.

Não era propriamente radialista de ficar postada na frente do microfone. Sua paixão era fazer o rádio cumprir sua missão de levar informação e prazer ao pé dos ouvidos das gentes brasileiras do Brasil profundo.

Dominava toda a infraestrutura p'ra fazer a rádio funcionar: das artimanhas técnicas à programação, passando pelas relações com anunciantes, convidados e ouvintes. Vá lá que, vez ou outra, sua voz ecoava nas ondas do rádio.

Paixão pura. Passou por Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, talvez Goiás, sempre a convite por sua experiência e sempre ensinando e mantendo seu amor por onde passava. Sua paixão pelo rádio só não era maior do que pelo seu avô - o Gringo. Nós próprios, da Coluna Opinião, editores e colunistas, às vezes não prestamos atenção a nós mesmos, os que escrevemos para nós.

Fazemo-nos de invisíveis.

Quase como os invisíveis de uma sociedade injusta. Aqueles que são feitos e que não se fazem a si próprios.

Leila, no seu rádio, pé no chão do Brasil, sabia disso. Sua morte, há alguns dias, talvez seja anunciada pelas rádios onde passou. Mas ela não será anunciada pelo Jornal Nacional.

Afinal, quem prestaria atenção em Leila Grienz?

...trabalho é a palavra que ensina a ler; trabalhar é bom desde que você tenha a capacidade de se indignar com a injustiça; trabalhar é um ato de poder, algo como a posse de sua força, e nessa conjugação do verbo trabalhar não cabe ser possuído. (Meu avô e o trabalho – 18-02-2019)

Continuarei com Porecatu na cabeça e tentei falar de Pink Floyd. Mas Élvio não conhecia. A aula de História da Psicologia me chamou e Élvio ao se despedir fez um gesto muito estranho: beijou minha mão. Estranho para uma riponga, mas bonitinho para uma menina de Indaial. Porecatu... Freud... Porecatu... Jung... Porecatu...

(O degredado / 1ª parte – 24-04-2019)

O texto, de 2015, continuava: “falar sobre a Guerrilha de Porecatu é alimentar, nos dias atuais, a utopia camponesa da terra prometida, sua busca pelo direito de viver da terra, em um esforço de revalorizar a memória dos que lutaram e morreram por esta causa.” (O degredado / 2ª parte – 24-05-2019)

É uma história de luta, justiça e liberdade que precisa ser melhor conhecida e cultuada. “É o evento inaugural que vai influenciar dezenas de lutas que ocorreram no Brasil a partir de Porecatu, inclusive com a criação dos primeiros sindicatos de trabalhadores rurais. Porecatu motivou a assinatura do primeiro decreto de desapropriação de terras para fins sociais.”

Meu velho avô, o Gringo, fez parte disso. (Porecatu - a luta pela terra – 24-06-2019)

A psicologia me ensinou, se é que eu aprendi alguma coisa, que as coisas ficam embaralhadas no inconsciente e se você não mexe nelas, aparentemente elas não têm sentido. E, dependendo de como você mexe nelas, elas ficam mais sem sentido ainda. Felizmente, no meu caso, as coisas começaram a ter um sentido que sintetizo como: o resgate do silêncio de meu avô - o Gringo que amava passarinhos -. O que esse silêncio significou na minha própria formação?

(João Saldanha e meu avô – 24-07-2019)

No fundo eu queria era entender, à luz da psicologia, o principal instrumento do meu ofício original - a voz do rádio -. E para entender a voz do rádio eu precisava entender a voz humana. Que mistérios profundos da psique humana faziam a voz sem a imagem da pessoa que fala no rádio tocar fundo, emocionar, causar raiva, acalantar, impulsionar, fazer adormecer a pessoa ouvinte? (A voz [I] – 17-12-2019)

Insisto no rádio como a 2ª revolução da voz humana. A 1ª foi ... a voz humana. O telefone, que data da 2ª metade do século XIX (1876), bem antes do rádio, foi uma bela invenção, mas cheia de vícios de origem: privativa, egoística, elitista, excludente, luxuosa. (A voz [I] – 29-01-2020)

“Eu estava conversando na aula dela sobre a tal energia nuclear e ela me deu bronca. Disse que eu não prestava atenção e atrapalhava a aula. Ai eu disse que já sabia aquilo porque a minha tia Leila trabalhava com atividade no rádio e eu já sabia bem o que era essa rádio atividade. Ai, ela falou: AH! É? Então faz uma entrevista com ela sobre Chernobyl, senão você vai perder ponto na prova.” (Rádio Atividade – 02-10-2020)

Já, para os cegos, o rádio é uma fábrica inesgotável de imagens, cujos significados dispensam a pergunta o que significa. As imagens que o cego cria com a voz do rádio são o seu próprio significado. O significado da imagem é a própria imagem. A pergunta o que significa não se aplica. A composição da imagem a partir dos sons que vêm do rádio é uma sinfonia de significados para os cegos. (Os Olhos do Rádio [I] – 07-01-2021)

O desafio a que me impus, como radialista e enxergante, de tentar compreender o significado do rádio para os cegos, só está sendo possível de enfrentar na companhia de Alisson e Elisângela. Alisson (Azevedo) conheci recentemente, por sua voz, e o abracei como parceiro e co-autor dessas reflexões. Sua visão sobre o rádio e a relação daquele veículo com os cegos foi e está sendo determinante para que eu possa elaborar minhas inquietudes sobre os olhos do rádio na vida dos cegos. (Os Olhos do Rádio [I] – 07-02-2021)

A identidade dos imigrantes sulistas, com grande participação da cultura alemã e italiana, durante sua vinculação ao Brasil, no início do século XX, teve nas suas pátrias distantes, até o fim da 2ª Guerra Mundial (1945), o fascismo e o nazismo como ideário pátrio preenchedor de uma ‘afetividade’ nacional longínqua. (31 de Março – 31-03-2021)

Amigos, colegas, conhecidos, vizinhos, parentes bolsonaristas venho de vos fazer uma súplica.

Respeitem minha doença. Minha doença começou há 6 anos. No dia em que ouvi bolsonaro, no impeachment da Dilma, dizer que seu voto era em homenagem ao seu emérito herói brasileiro - o torturador assassino da ditadura militar Ustra -, tive uma crise de vômitos. (Uma súplica – 28-02-2022) ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.